

O BRASIL JÁ NÃO É O MESMO. FICOU MAIS POBRE.

Luz Sérgio Guimarães

Em tudo, o Brasil mudou muito. Mas em suas grandes linhas macroeconómicas, o País de julho de 1991 não difere muito daquele de julho de 1981. Dez anos depois, a economia também enfrenta uma recessão. E com a mesma finalidade: debelar a inflação. A diferença é que, em 81, estava-se entrando em um processo recessivo que duraria três anos. E, em 91, inicia-se timidamente a saída da que foi classificada como a pior recessão de todos os tempos. Não se ouve mais nas FMs as anôdinas baladas do primeiro disco solo de Lulu Santos, ou o radical inconformismo de Raul Seixas, ambos substituídos, hoje, pela macaúice **cover** e o esfacelamento do **rock** em uma miríade de tendências. Dez anos depois, sobra uma constatação, mais óbvia do que o necessário: o País está mais pobre.

O Brasil de julho de 81 não era mais feliz do que o de julho de 91 — embora inexistassem notícias sobre sequestros e fosse possível comprar aparelho de som em dez vezes sem juros. E não só porque com 49,73 salários mínimos dava para comprar o carro zero quilômetro mais barato, o Fusca, enquanto, hoje, para se adquirir, sem ágio (o que é impossível) o zero mais em conta, o Fiat Mille,

são necessários 125,17 salários mínimos. A atual febre dos video-games não era nem sonhada. O brinquedo caseiro da época — "a nova mania mundial" que chegava ao Brasil — eram os quebra-cabeças de "terceira geração": o Elo Maluco e o Cubo Mágico. Todos os 50 mil videocassetes espalhados pelo País eram contrabandeados, e as fitas não tinham legendas. O Brasil lia, unanimemente, Memórias de Adriano, de Marguerite Yourcenar, até nas praias, mas se dividia na aceitação dos jeans adornados com metal e fios dourados. E olhava com suspeita para aquilo que parecia uma roda-gigante mas não era: o **Looping Star** chega ao Playcenter despertando curiosidade e receio.

O casamento do século, celebrado no dia 29 de julho de 1981 entre **Lady** Diana Spencer e o príncipe Charles, conseguiu galvanizar as atenções por uma semana e camuflar as tensões políticas e econômicas. Naquele mês, saiu o resultado do IPM que inocentou os militares envolvidos na explosão da bomba do Riocentro em 30 de abril. E não havia certeza absoluta sobre a realização das eleições para governador em 82, embora o presidente do Partido Popular (PP), Tancredo Neves, reafirmasse incansavelmente sua

confiança na redemocratização do País, uma das promessas-chave do então presidente João Figueiredo.

As tensões econômicas não eram menores. O ministro do Planejamento, Delfim Netto, atraía-se com colegas que reivindicavam mais verbas e com os empresários. Acusou, em palestra na Escola Superior de Guerra (ESG), os empresários de protagonizarem um "choro gigantesco", porque "estão acostumados a ficar pendurados nas tetas do governo, recebendo créditos subsidiados". Delfim tentava, mais uma vez, arrumar a casa, mas, em julho, o sempiterno rombo da Previdência (na época de Cr\$ 200 bilhões) tornou-se insuportável. Mas não deu para evitar que a economia quebrasse, em setembro de 82, por causa do estrangulamento cambial.

Década perdida

1980. Este foi o último ano em que o País viveu sob critérios considerados normais: expansão econômica sem choques ou artificialismos. Na década anterior, o chamado milagre econômico iniciado nos anos 60, alcançou o seu auge. Nos anos 70, o Brasil cresceu 7% em média todos os anos. A poupança interna era da

ordem de 18,6% e os investimentos estrangeiros alcançavam 6,3% do PIB. Em 1980, o tempo parou para o País. O relógio andava mas a economia não: o PIB per capita de 89 foi apenas 0,4% superior ao de 80.

O **Seu Dinheiro** surgiu no início de uma década considerada perdida, durante a qual a economia marcou passo e o País foi transformado em uma cobaia de laboratório à disposição de toda sorte de experimentos. A década perdida também foi a das promessas, nunca cumpridas, de austerdade fiscal e equilíbrio das contas públicas. A inflação foi eleita o pior inimigo e, em seu combate, foram tentadas terapias gradualistas e de choque, ou as que, híbridas, combinavam receitas ortodoxas com pitadas heterodoxas.

Nos últimos dez anos, um novo tratamento antiinflação — sob a forma de pacotaços, choques, conjunto de medidas explícitas ou pacotinhos gradualistas — surgiu, com pretensões salvadoras, a cada 18 meses. A moeda foi trocada quatro vezes (até fevereiro de 86, cruzeiro; de março de 86 a dezembro de 88, cruzado; de janeiro de 89 a março de 90, cruzado novo; e de março do ano passado até agora cruzeiro). A política salarial mudou 14 vezes e

a cambial 18. Mais de meia centena de tentativas frustradas de controle de preços foram feitas.

Termômetro quebrado

E quando a terapia contra a febre da inflação não funcionava, culpava-se o termômetro. Os índices oficiais que aferiam a escalação dos preços eram sistematicamente trocados (de 85 até março de 91, foram cinco: IGP da FGV, IPCA do IBGE, IPC também do IBGE, Fipe-USP ponta-a-ponta e o IRVF) até se chegar a perfeição de hoje: não há termômetro oficialmente assumido.

Apesar das constantes reviravoltas de política econômica, cinco grandes choques marcaram o País. Quando a inflação de janeiro de 1986 bateu nos 16,23%, o primeiro governo civil depois de vinte anos de regime militar resolveu dizer a que veio: em 27 de fevereiro daquele ano, surgia o Plano Cruzado. Dez meses depois, a teimosa inflação retornava aos mesmos patamares que haviam suscitado o Cruzado. A nova ameaça de descontrole levou à deflagração de um novo choque, o Bresser, no dia 12 de junho de 87. O repique da inflação ocorreu 17 meses depois. A arrancada dos preços prosseguiu até que, para enfrentar uma inflação na casa

dos 70%, o governo Sarney fez o Plano Verão, no dia 16 de janeiro de 89. Doze meses depois a inflação retornou aos 70%. E Sarney desistiu. Mas conseguiu evitar, por meio de uma política de indexação total e elevadíssima taxa de juro real (que agravou ainda mais as finanças públicas) que o seu sucessor recebesse o País em meio ao caos da hiperinflação.

Renda concentrada

Apesar de o Brasil ter ficado mais pobre nos últimos dez anos, ganhou-se muito dinheiro no período. Entre 80 e 90, segundo dados do IBGE, a renda per capita caiu 6%. Só entre 85 e março de 91, o recuo da renda per capita foi de 12%. E aumentou a concentração da renda: enquanto, em 1983, os 10% mais ricos detinham 47,5% do total de ganhos da população economicamente ativa, em 1989, esta relação sobe para 52,2%; em 83, o 1% mais rico ganhava 147 vezes mais que os 10% mais pobres, e em 88 ele passou a ganhar 217 vezes. Conclusão: nos últimos dez anos a renda cresceu pouco, e piorou ainda mais a sua já péssima distribuição. Tornando quase insolúvel um dos grandes impasses nacionais: 1% da população detém 53% do patrimônio pessoal.